

B.A.R. 299134
1040441

DR. FAUSTO BRADESCO

O TESOURO DA ARTE POPULAR ROMENA

Conferência feita em
12 de Setembro de 1959 no
Salão de Exposições do Diretório Acadêmico
da Escola Nacional de Belas Artes do
Rio de Janeiro por ocasião da
I.^a Exposição de Motivos da Arte Popular Romena
organizada pela Sra. Eugênia Useriu

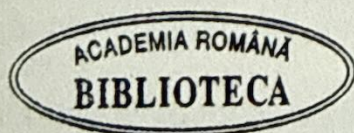
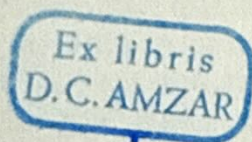
RIO DE JANEIRO
1960

1040441

DR. FAUSTO BRADESCO

O TESOURO DA ARTE POPULAR ROMENA

Conferência feita em
12 de Setembro de 1959 no
Salão de Exposições do Diretório Acadêmico
da Escola Nacional de Belas Artes do
Rio de Janeiro por ocasião da
I.ª Exposição de Motivos da Arte Popular Romena
organizada pela Sra. Eugênia Useriu



RIO DE JANEIRO
1960

D. inv. 2029776

499133

O TESOURO DA ARTE POPULAR ROMENA

Tratado de Arte Popular Romena
do ano de 1939
do Museu Nacional de Historia e Etnografia
do Museu Nacional de Historia e Etnografia
do Museu Nacional de Historia e Etnografia
do Museu Nacional de Historia e Etnografia
do Museu Nacional de Historia e Etnografia
do Museu Nacional de Historia e Etnografia



○ Tesouro da Arte Popular Romena

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Que me seja permitido evitar o mais possível o uso de um vocabulário puramente técnico do fenômeno artístico na arte popular, a fim de não sobrecarregar uma exposição que deve ser feita num ambiente de simpatia recíproca. Não se trata de um curso, de uma aula, mas tão-somente de uma simples palestra, capaz de concretizar diante de vossos olhos a **importância permanente da criação popular**, e, particularmente, de pôr em relêvo os **méritos da arte do camponês romeno**.

Em nossa época, justamente quando a tecnologia e a automatização tornaram-se senhoras da produção em série e em massa, falar de uma arte e de um artesanato camponês, capazes de infundir-nos respeito e admiração ilimitados, seria optar por uma vida ultrapassada, que parece mais um anacronismo do que uma cousa respeitável e magnífica.

Cabe-nos afirmar que semelhante conceito não passa de uma expressão de comovente ignorância sobre o que significa a arte popular para um povo, por mais civilizado que seja. Eis porque, desde o princípio devemos frisar que o artesanato popular e a arte que o acompanha, não visam inteiramente aos mesmos fins da atividade industrial; seus caminhos são diferentes, tanto por seus diversos ângulos de expressão, como por suas finalidades absolutamente divergentes.

A contribuição espiritual e intelectual que cada objeto de arte popular encerra em si mesmo — por mais imperfeito que êle seja — o arranca do mundo das quantidades e o projeta no **mundo dos valôres**. É a obra de uma criatura humana, sensível e pensadora, livre em sua escolha e em sua maneira de executá-la. É nisso que se acha tôda a grandeza dêsses bordados, dêsses trajes, dêsses tapetes, dêsses móveis, muitas vêzes desajeitadamente executados, ingenuamente interpretados, mas que buscam sempre um fim de elevação e de superação.

Num mundo em que doutrinas nocivas tentam despersonalizar o indivíduo, inculcando-lhe a mentalidade acarneirada dos Kolkoz e Sovkoz, a arte popular subtrai do homem essas tendências centrífugas e o mantém sobre a linha transcendente da espiritualidade nacional e de suas tradições. Eis porque se pode dizer que

a arte popular desempenha também um papel construtivo. Ela, sustentando o moral do indivíduo e da nação nos tempos de angústia, preservando-lhes a alegria de viver, pois lhes mostra incessantemente o lado elevado da vida, o lado que merece ser conhecido e estimado, o lado eterno.

A arte, em tôdas as suas formas — mesmo as mais inverossímeis — constitue sem dúvida o aspecto mais significativo da vida de um povo. É uma das manifestações mais expressivas de sua cultura, de sua civilização; numa palavra, de tudo o que ela pôde representar em um dado momento de sua história e muitíssimas vêzes durante tôda a sua história.

Uma linha em zig-zag inhábil num pequeno vaso de terracota, algumas manchas policromas sobre uma tábua em madeira, pedra dura, pedra sabão, ou argila, até as magníficas pinturas da Capela Sixtina ou dos mosteiros de Bucovina, tudo isso traduz o esforço espiritual, a superação das preocupações primárias que caracterizam o desabrochar do gênio humano. A fantasia não tem limites para a criatura humana, e, sob o estímulo de seu amor pelo belo, tudo é transformado em objeto de arte. De resto, é uma necessidade natural que a própria história dos povos nunca desmintiu.

Em seu espírito, — o espírito do homem, — as formas úteis também devem receber um pouco dessa inclinação estética. Inconscientemente, cada qual sente que o belo enobrece, que êle confere ao objeto um valor além daquêle de sua utilidade ordinária. Assim, desde os mais remotos tempos, o embelezamento de tudo o que se refere à vida se impôs como uma “**constante**” espiritual. O escudo, por exemplo, arma de defesa, portanto objeto de pura utilidade, trazia a marca estética, tornando-se muitas vêzes uma verdadeira obra-prima de beleza.

E isto aconteceu especialmente quando se tratava de objetos de veneração, de enfeites do vestuário ou da simples satisfação espiritual de seu insaciado desejo do belo: o homem prodigalizou-se ao extremo e colocou em seu elan artístico tudo o que guardava de mais puro e de mais específico em sua natureza.

Segundo sua raça, seu grau de cultura e de civilização, sua época e seu talento inato, cada povo interpretou o belo por meios e formas inteiramente diferentes, enriquecendo a humanidade com uma variedade infinita de realizações, que constituem tantos e tantos tesouros de arte.

Alguns foram grandes no trabalho dos tapetes, outros na ouriversaria, na arquitetura, na pintura ou na escultura. Certos trabalharam de preferência a pedra, a madeira ou o osso, finalmente, outros a seda, a linho ou o cânhamo. Uns atingiram o belo pelo grandioso, outros pelo detalhe ou pela miniatura.

Todos, no entanto, pesquisaram o belo, o sublime, o superlativo, impulsionados pela mesma força misteriosa, a mais curiosa e mais antiga depois dos instintos primários. Podemos, por conseguinte, adiantar que essa disposição em pesquisar e realizar o lado artístico da vida, constitui a base de qualquer civilização. Não há povo — por mais primitivo que seja — que não possua uma arte embrionária.

Muitas civilizações desaparecidas não subsistem a não ser por meio de alguns restos de sua arte. **A arte é portanto a alma dos povos.** É nela que se descobre toda a sensibilidade da nação, seus matizes, suas inclinações, suas crenças, seu caráter, sua bondade e suas brutalidades, bem como o seu lado extravagante ou trágico.

Na história da civilização, tudo se encaixa nesse esforço milenar pela realização de uma necessidade premente, uma necessidade inexplicável que arrasta o homem do “terra-à-terra” e o projeta num mundo novo: o maravilhoso mundo das cores e das formas, graças às quais a criatura humana se eleva e marca a sua presença na história. Pois, não devemos esquecer: antes de ser **escritor**, o homem foi **artista**, talvez, quem sabe, um artista realizado...

A fonte, de onde brota essa vida estética, não é a razão, e sim as profundezas insondáveis do ser sensível, essa magma incandescente onde se acha contida a parcela mais nobre de nós mesmos, essa íntima parcela de divindade que nos faz o que somos. É por isso que a arte, considerada como expressão de uma sensibilidade especificamente humana, encontra-se entre as nações de todo mundo, desde as aglomerações mais atrasadas até as nações mais evoluídas da escala social.

Aliás, os **fenômenos artísticos e religiosos** são as únicas expressões permanentes que se acham em todos os lugares e em todas as épocas históricas. Desde sempre, essas duas manifestações se entrelaçaram, mais ou menos estreitamente. O que é natural, pois **provêm elas da mesma essência.** A arte sagrada teve e tem uma incontestável importância na expressão visível do belo. Ainda hoje, a quintessência da arte se manifesta na magnífica catedral, no Cristo Redentor, na cruz votiva, nos soberbos objetos do culto.

Não desejamos ser mal compreendidos. Na arte, como em todas as manifestações humanas, há uma evolução inegável e necessária. Por essa evolução contínua, estágios da perfeição humana foram vencidos. Assim, a arte moderna é um estágio — o último para nós — de uma evolução sem fim. Entretanto, o apelo sempre mais insistente às impressões cerebrais do que às sensações espirituais, dá-nos a impressão de uma rutura profunda entre as verdadeiras fontes da arte e suas representações visíveis.

Entretanto, não há ruptura nenhuma. São aspectos da pesquisa do mesmo “belo”, num outro plano da sensibilidade humana.

É por isso que os diferentes planos da manifestação estética, popular e erudita, podem coexistir sem se prejudicar; êles se interpenetram e acabam sempre por influenciar-se reciprocamente.

O que é surpreendente em nossa época, o que nos choca e nos dá impressão de ruptura é o furor com o qual cada artista procura individualizar-se. Um estilo, um gênero, uma escola, chegam apenas a definir os seus fundamentos, que outros estilos, outros gêneros, outras escolas, surgem como cogumelos, afogando as antigas formas e ao mesmo tempo êles próprios.

O artista teme ser considerado um simples imitador; chega a duvidar de sua própria obra. Tem medo de vêr-se acusado um dia de ter imitado a si mesmo... Eis porque, impetuoso, êle busca desesperadamente a nova curva de um busto — irreal e inexistente —, o esplendor de uma nova côr — mais preta-clara que branca-escura — que poderiam arrancá-lo do anonimato e impô-lo à posteridade.

E tudo isso devido à enorme preponderância que em nossa época tem alcançado o racionalismo estético. Peneira-se tôda manifestação artística por uma feroz pretensão intelectualista, que rouba à maioria das obras tôda significação. A “**composição**”, termo vago, não evoca nada mais, nem sequer um qualquer simbolismo esotérico que poderia ainda, rigorosamente, dar-lhe uma desculpa e garantir-lhe um lugar entre os produtos das “belas-artes”.

Tudo o que acabamos de dizer não constitue um ataque contra o modernismo, contra aquelas quase 50 tendências estéticas que se manifestaram nesta primeira metade do nosso século.

Queremos marcar tão-sòmente o **rítmo desordenado** que tomou a sensibilidade estética moderna, em busca de uma expressão nova e original; e, queremos sobretudo frisar o contraste marcante entre essa efervescência, e a atividade tranquila, contínua, **sem agitação**, mas não menos criadora e superior, da arte popular. E quando dizemos “sem agitação”, isso não significa estacionária. No domínio da arte, não há estagnação.

Primitivismo de expressão, evolução, apogeu, decadência, eis o rítmo constante de tudo o que é humano. Arte culta ou arte popular, ambas estão sujeitas a êsses movimentos oscilatórios. Há no entanto uma diferença na intensidade e na aceleração. A arte culta brilha com chama violenta, que ofusca a vista, comove brutalmente; enquanto que a arte popular, em sua harmonia quase estática, tem algo da eternidade da alma humana. A sua evolução é lenta, pois, através dos séculos vem-se realizando por meio de obscuras e penosas pesquisas; cada constelação de desenhos, cada harmonia de côres é o resultado da contemplação crítica de várias gerações. Não é sòmente a combinação fortuita de algumas formas geométricas ou de algumas côres lançadas ao acaso, mas o esforço constante, perseverante — podemos chamá-lo consciente — por um

equilíbrio entre a **sensibilidade estética** de uma comunidade humana e sua **sensibilidade espiritual**, sua concepção da vida. A harmonia que se desprende dela deve ser homogênea, deve provocar a mesma emoção estética entre o maior número de pessoas de uma mesma comunidade.

O efêmero e o supérfluo artístico não existem na arte popular. Tudo é feito para a eternidade, pois ela se apoia unicamente em essências. O “belo”, o objeto artístico, a obra de arte, fazem parte da vida de todos os dias, desempenham uma função social, que a criatura menos dotada é obrigada pelo menos respeitar, senão amar ou apreciar.

Eis porque, se a **arte em si** é uma necessidade da vida, um traço característico do gênero humano — porque somente o homem busca o belo como uma fonte de satisfação superior —, **a arte popular** deve ser olhada como uma **constante** das comunidades sociais.

Na arte popular pode-se descobrir não somente o grau de evolução estética ou a inclinação mais ou menos marcada pelo belo, assim como o sentido artístico de um grupo, mas, o que é muito importante, os traços de caráter mais salientes e a personalidade de um povo. Em nenhuma outra manifestação a alma humana se revela tanto como na pintura ou na escultura de autêntica fonte popular, quanto nas incisões ou nos adornos de uma roca, nos bordados de uma camisa, no entrelaçado das fibras de um tapete ou nos matizes das cores dos diversos ornamentos. E tudo isso, porque a arte popular é o produto da mistura constante das características conjuntamente, fazem brotar essa quintessência que se chama **corcas espirituais e intelectuais** mais íntimas de um povo, as quais, rentemente **seu gênio**.

Aliás, a arte popular sendo uma constante que nunca se afasta do substrato específico do respectivo povo, constitui a fonte de inspiração mais rica e mais legítima da arte erudita. Toda renascença das artes deveria começar pela volta às fontes primitivas da arte popular. Retemperar-se naquilo que é **específico de seu povo**, constitui para cada artista a possibilidade de ver e de compreender a sua obra por seus próprios olhos; colocar-se em harmonia psíquica e afetiva com a atmosfera espiritual em que, de bom grado ou não, ele se alimenta; enfim, experimentar essa exaltação rara, senão única, que dá origem à obra imortal.

Fujita, se fosse totalmente ocidentalizado, não passaria de um pintor medíocre de origem japonesa. Da mesma maneira, a nova plêiade de **pintores mexicanos** se debateria na inextricável “**imitação**” das escolas européias, como tantas outras o fazem neste hemisfério, sem a volta, corajosamente empreendida, às fontes inesgotáveis da pintura azteca.

Portanto, essa arte popular, universalmente considerada **menor**, encerra em suas manifestações modestas, porém constantes e autênticas, uma gama infinita de riquezas estéticas, que nada abala e ninguém pode negar.

As obras de arte popular possuem uma misteriosa e eloqüente propriedade: a de provocar — não importa onde ou quando — **a alegria estética**. Frequentemente, o trabalho popular apresenta a mesma técnica, produz as mesmas esculturas, os mesmos objetos, enobrecidos pelas mesmas côres e incisões, e, no entanto, apesar dessa uniformidade, apesar dessa repetição — que poderia ser cansativa — sentimos um prazer infinito ao contemplá-los, uma **emoção total**, mental e afetiva, que as obras de arte culta nos inspiram raramente.

É que existe na arte popular, algo que, pelas vias do subconsciente, chega até ao **humano**, até a fonte universal da sensibilidade estética. As obras de arte popular não são feitas para marcar uma época — embora elas a marquem historicamente —; elas são **a-temporais**, fora do tempo; por isso nos impressionam em qualquer momento e provocam em nós uma verdadeira **sublimação** de nossos julgamentos.

A **fôrça de comunicação** da arte popular é incontestável também. Para **essa arte** nunca se cria o problema das elites, das castas, dos iniciados. Ela é unanimemente apreciada por todos, desde o pastor solitário e inculto até o estéta mais cosmopolita, desde o crítico de arte intransigente e minucioso até ao “snob” contrariador e nihilista. Ela dispõe dessa fôrça porque se manifesta por cima de tôdas as contingências imediatas e transitórias, marcando o permanente e o essencial.

A arte popular não discute, vive. Ela se realiza certamente por uma lenta e obscura preparação, porém, quando se mostra — ou melhor, quando ela é descoberta — faz-se valer por si mesma. Assim, ela se impõe por sua simplicidade e por seu bom gôsto; por sua variedade e sua profunda significação; pela esquematização de seus símbolos que vai até uma aridez excessiva, mas ao mesmo tempo por uma admirável harmonia das proporções; pela ingenuidade de muitos de seus temas, e, paralelamente, pelo “**sério**” que dela se desprende... Poder-se-ia multiplicar essa comparação ao infinito.

Eis como se deve encarar **essa arte menor**. Ela constitui o fundamento da arte erudita. Representa a fonte inesgotável de todo o renascimento estético. E, o povo que, por uma inconsciente inadvertência, desprezaria a contribuição desinteressada da fonte popular, mais cedo ou mais tarde se veria acuado no mais terrível desespero. Nunca se transgride impunemente as leis do equilíbrio espiritual regeitando ou ignorando uma de suas constantes.

A arte popular não é uniforme nem no espaço nem no tempo; seu interesse, seu valor nascem justamente dessas variações e desses graus de maturidade. Há povos cuja arte popular se resume em algumas linhas cruzadas sobre um vaso de barro. Há outros cuja arte popular atingiu o sumo da beleza.

A arte popular da Romênia, desse país tão longínquo e tão mal conhecido entre nós, pertence justamente a esse segundo grupo. Infelizmente, o que a esplêndida exposição da Senhora Eugênia Useriu dela nos pode mostrar, não é senão uma íntima parcela de sua verdadeira riqueza.

Excepcionalmente dotados, os Romenos manifestaram o seu pendor e sua habilidade artística, nos domínios mais variados. Alguns desses domínios não passam da consequência do meio físico; outros são o resultado de certas restrições de ordem religiosa; outros finalmente, o resplendor magnífico dos dons puramente artísticos da raça.

Eis porque, a madeira desempenhou um papel importante no desenvolvimento de sua arte popular; eis porque, também, a escultura em pedra manifestou-se tão escassamente. Além dos baixos-relevos simbólicos ou hieráticos, não se encontram em nenhum lugar as magníficas estátuas da arte sagrada ocidental. Em compensação, a pintura religiosa abunda, e tudo o que essa legião de artistas tocou ficou impregnado de um encanto e de uma beleza ardente que eclipsam muitas de suas imperfeições inerentes.

Nesse país de florestas imensas, o trabalho da madeira desenvolveu-se sobre todo o território. Matéria prima fácil de esculpir, de variadas espécies moles e duras, incolores ou tintas, ela pôs à disposição do camponês romeno, uma gama infinita de possibilidades. Durante séculos, a sua casa, sua Igreja, a maioria de seus objetos domésticos, foram feitos dessa substância relativamente frágil, mas expressamente abundante, que se prestava admiravelmente às exigências artísticas do povo. Uma verdadeira **“civilização da madeira”** nasceu nessas regiões e muitas de suas expressões plásticas subsistem ainda, não somente a título de curiosidade, mas como elementos ativos da vida quotidiana.

Aliás, como em qualquer parte, a pedra, o tijolo industrial e o cimento desempenham atualmente o seu papel, assim como os objetos em alumínio ou em ferro no plano caseiro. Não obstante, a madeira, como elemento de construção, como matéria prima por certos objetos domésticos, conserva, senão a primazia, pelo menos o prestígio da preferência do camponês. Um poderoso elemento afetivo entra em sua preferência: a madeira é uma substância que ele próprio pode talhar, que ele pode ter à sua disposição quando quiser, que ele pode embelezar a seu gosto.

A arquitetura camponêsa, sobretudo aquela das regiões montanhosas, é sempre baseada na madeira, a ponto de em certas casas antigas os próprios pregos serem de madeira. Embora a substância seja eminentemente perecível, a madeira trabalhada pelos camponêses romenos deu verdadeiros monumentos, lindos e resistentes, entre os quais o lugar de honra cabe às **Igrejas de madeira** e às **Cruzes votivas**. Certas igrejas dêsse gênero remontam ao século XIV; em nossos dias, celebra-se ainda a missa entre suas paredes patinadas pelo tempo.

Sua forma é característica e elegante. Sobre um corpo bastante reduzido, construído com troncos de carvalho, eleva-se uma torre esguia e ponteguda que parece mais querer varar o céu com sua ponta, encimada por uma cruz. Essa torre em forma de flecha chega às vezes a ser quatro vezes mais alta do que a própria nave da igreja. Os portais da entrada, as portas do altar, são ricamente esculpidos e as paredes guardam ainda pinturas esfumadas, de uma ingenuidade tocante, onde se combinam o primitivismo de uma pintura em seus primórdios com as cenas bíblicas, interpretadas de maneira puramente rústica e arcaica.

No que tange à arquitetura religiosa na Romênia, verifica-se um contraste interessante entre essa arquitetura puramente popular e a do Ocidente especificamente citadina. Enquanto que a gótica ocidental, de feitio maciço, impressiona pelo **monumental**, a igreja camponêsa romena, feita para as necessidades de comunidades muito restritas, onde a fé e o gosto artístico andam emparelhados, emociona por seu aspecto de **joalheria arquitetural**.

O quadro natural no qual se acham colocadas, o exterior elegante, delgado, com suas superfícies lisas, patinadas pelos séculos, o interior acolhedor, cujas esculturas e ícones estão marcadas pelo espírito do povo, contribuem para que essas igrejas de madeira se tornem tão impressionantes como as suas congêneres góticas ou barrocas, construídas sob outros céus.

Além disso, elas têm o mérito suplementar de terem sido construídas por simples camponêses e pertencerem, por isso, à categoria das obras de arte puramente populares. Elas refletem uma perfeita evolução do espírito humano, do espírito dêsses camponêses que formam a base sadia, austera e virtuosa do povo romeno.

Ao lado da igreja de madeira, acha-se a **Cruz votiva**, elemento de devoção muito difundido nos países ortodoxos, a qual adquire das mãos do camponês romeno um feitio altamente artístico. Se ela inspira, nas encruzilhadas dos caminhos, nos lugares perigosos das montanhas, junto aos poços ou nos cemitérios, se ela inspira — volto a repetir — êsse piedoso recolhimento diante do poder divino o qual o camponês não deve nunca esquecer, êle, por sua vez, esforça-se por imprimir, na forma geral da cruz votiva, nas esculturas

e nos entalhes que a ornarn, nas côres que às vêzes êle acrescenta, tudo o que a sua alma de artista tem de mais puro para exprimir a sua devoção.

A cruz votiva romena não é um simples monumento religioso. É ao mesmo tempo uma obra de arte. O grande artista romeno, **Constantin Brancusi**, pai da escultura moderna, nela se inspirou profundamente. Muitas de suas obras em madeira trazem o marco de seu povo e de seus anos de infância, passados junto às cruzes votivas de sua terra natal, a Oltênia.

A madeira das florestas carpáticas forneceu também ao Romeno o material necessário para construção de sua casa, cujas traves e pilastras são primorosamente talhadas. No entanto, do ponto de vista artístico e não arquitetural, são os portais que levam a palma. Altos, largos, feitos de madeira dura e geralmente escura, cada parcela de sua superfície é incisa por entalhes artisticamente combinados, formando baixos-relevos e reentrâncias.

É sempre na madeira, esculpida, pirogravada ou pintada, que se fazem muitos objetos domésticos: prateleiras, cadeiras, rocas, bandejas, fusos, canecas, mesas, colheres, etc. aos quais se acrescenta uma porção de outros utensílios destinados unicamente ao embelezamento do interior. Por exemplo: os pratos de madeira pintados ou pirogravados que já não se usam mais para o serviço doméstico, mas que enfeitam o interior das casas ao lado da cerâmica decorativa.

Aliás, êsse interior que, pela qualidade artística das peças que alí se acham toma o aspecto dum verdadeiro museu, forma um conjunto unitário. A arte dos objetos trabalhados, concorda com a sua finalidade e, a colocação dêsses é tal, que a sua posição no conjunto estético do quarto, não prejudica absolutamente a sua função específica. Para chegar a êsse resultado, foi preciso que se superpusesse todo um passado de tradições e de experiência.

Três elementos-funções convergem para a harmonia íntima do lar romeno: **o útil, o artístico e o confortável**. Êsse lar é um mundo em si, no meio do qual os membros da família devem encontrar a segurança, o conforto, a alegria de viver. Dêsse conjunto organizado desprende-se uma atmosfera agradável e sedutora, que muito influencia o caráter do Romeno, tornando-o alegre, acolhedor, compreensivo.

Entre as produções mais conhecidas, as mais afamadas da arte popular romena, acham-se arrolados **os tapetes**. Produzidos em tôdas as aldeias e todos os mosteiros do país, essas excelentes obras de arte diferem entretanto entre si, quanto à maneira de dispôr as côres e os temas de interpretação. As côres, judiciosamente escolhidas, nunca devem cair na monotonia, nem ferir o olhar

por meio de qualquer discordância. Normalmente, sôbre um fundo azul, crême, negro, verde, entrelaçam-se uma quantidade infinita de côres, escolhidas de tal forma que o conjunto dá a impressão de um bloco homogêneo. A passagem de uma côr para outra é quase sempre esfumada, suavizada e, como o gôsto dos **matizes-pastel** predomina, vê-se logo que se está diante de uma harmonia surpreendente, delicada e repousante. Sem dúvida, existem modalidades provincianas, nas quais predominam o preto, o vermelho ou o roxo. Mas a combinação dessas côres com o conjunto é tal que a sensação espiritual continúa a mesma. Percebe-se sempre êsse deslizar para a plenitude dos sentidos e do espírito.

Quanto aos temas tratados, a variedade é ainda maior. A Valáquia e a Moldávia, fiéis à tradições milenares, gostam especialmente dos desenhos geométricos puros. Os tapetes, cheios de triângulos, de zig-zags, de losangos sobretudo, têm uma semelhança marcante com os tapetes bolivianos e peruanos.

Os da Oltênia, mais ricamente tecidos, cheios de motivos florais e zoomórficos estilizados, são, podemos dizer, os mais artisticamente executados e os mais preciosos. São, a maioria das vêzes, constituídos por dois campos, um central de côr mais suave e outro todo em volta, de uma côr mais carregada, separados por um traço mais ou menos largo. O conjunto, ornado de desenhos policromáticos, é notavelmente sugestivo.

Os tapetes do Banat e em geral os da Transilvânia e do Maramures, são mais salpicados, os desenhos mais cheios, aproximando-se sensivelmente dos da Valáquia e da Dobrugea.

A Bessarábia e os Romenos da Transnístria têm uma inclinação, aliás muito compreensiva, pelo fundo negro. Eles são os que mais sofreram no transcurso da história. Mas, para disfarçar êsse fundo de luto, êles o matizaram com ramalhetes de flôres vivas que se tornam mais belas ainda ao destacarem do fundo escuro.

Do ponto de vista da forma, há **tapetes de faixas**, compridos de vários metros, destinados a guarnecer as paredes em volta de todo o quarto. Há tapetes murais, tapetes de cama, tapetes para o chão, tapetes de mesa, variando a sua forma conforme o fim a que se destinam. Naturalmente, a qualidade e a fineza dêles variam também, e as diferenças são francamente pronunciadas de uma região à outra. No entanto, a técnica é em tôda a parte a mesma, caracterizada pela execução dos tapetes lisos, sem espessura de tecedura muito apertada, batida.

Ao lado do tapete, também entra a **cerâmica**, na categoria das realizações mais antigas e uniformemente difundidas. Suas formas, suas côres, enquadravam-se admiravelmente no conjunto da casa, onde a inclinação do camponês pelo belo, buscava constantemente estabelecer uma ordem estética maior. Eis porque, a

cerâmica — mesmo se não atinge à perfeição — com o perpassar do tempo foi tomando um caráter tão artístico quanto o tapete e o bordado. Ela se divide em dois grandes ramos:

— **utilitária**, provida de alguns motivos simples e revestida de um esmalte transparente, ou então não esmaltada de todo; e

— **ornamental**, ricamente decorada e revestida de um esmalte espesso e muito resistente.

Os motivos de ornamento, como em tôda a Romênia, vão dos desenhos geométricos aos motivos florais e às vêzes zoomorfos. O que torna essa cerâmica interessante, é a variedade considerável das formas, cada uma delas com um uso bem determinado. Existem as que servem para guardar o vinho, as conservas, a banha ou a carne. Há outras para servir o café, o chá, a água, o vinho, para preparar a comida ou para servi-la na mesa. Há outras ainda para fazer queijo, coalhada, dôces ou certas bebidas alcoólicas, etc. Essas formas, específicas e adequadas ao uso, são o resultado de uma longa experiência que remonta ao neolítico.

Há mesmo uma região em Suceava, na Moldávia, onde a **cerâmica negra** conserva técnicas de 5000 anos: certas partes do vaso, de barro greda preto, antes de serem colocados no forno, são esfregadas com uma pedra que lhes dá um polimento exterior. Depois, as partes esfregadas ficam brilhantes como se tivessem recebido uma camada de esmalte.

Certos objetos de cerâmica são executados unicamente para o embelezamento da casa: bandejas, pratos especiais, pichéis, são dependurados nas vigas que sustentam o teto, nas paredes ou colocadas sobre prateleiras ou mesas para tornar o interior mais alegre e mais vivo.

O que é notável na cerâmica popular romena é o alto nível artístico a que chegou o **artesão-camponês**, apesar da simplicidade dos meios técnicos utilizados.

A ornamentação é realizada às vêzes pelo “**relêvo**”, superposição de grinaldas florais ou miniaturas zoomorfas; outras vêzes, pelo processo do “**graffite**”, desenhos desajeitados feitos à mão; mas, a maioria das vêzes se emprega a “**côr**”, elemento muito apreciado pelo Romeno que a maneja com habilidade. É nas côres, em suas disposições, em seus matizes, que se pode notar e apreciar a destreza do camponês romeno e de sua grande qualidade de “**colorista**”. Pela harmonia das côres, todos êsses motivos ornamentais simples por natureza: o círculo, a espiral, a linha quebrada ou a ondulada, adquirem uma graça que impressiona agradavelmente, conferindo à cerâmica romena um cunho à parte. Porque, a despeito da simplicidade geral dos objetos e das técnicas rudimentares, desprendem-se dessa cerâmica uma harmonia de formas e

uma combinação feliz das cores que compensam amplamente suas outras imperfeições.

Entre tôdas essas manifestações estéticas, a que ocupa o primeiro lugar e deve interessar especialmente os amadores da arte popular, é, sem dúvida, a da **indumentária** e dos **bordados**.

Um provérbio romeno diz que "**o traje faz o homem**", do qual se subentende que, reparando a maneira pela qual alguém se veste, pode-se tirar conclusões importantes, não apenas quanto às suas possibilidades materiais de existência, mas, sobretudo, sobre o seu caráter, sua maneira íntima de encarar a vida, o estágio de sua evolução na escala da civilização. Pode-se saber logo o que êle é e o quanto vale.

O traje popular romeno tem justamente, dêste ponto de vista, uma grande importância, porque êle revela tôda a riqueza dos valores espirituais e artísticos do povo. Esse traje é alegre, abundante e brilhantemente enfeitado, cheio de encanto e de discrição, apesar de seu colorido e seu aspecto imponente. A variedade dos motivos bordados é enorme e seu arranjo de um gosto tão refinado e seguro, que é difícil acreditar-se que tivessem saído das mãos rudes, mas extremamente hábeis, das camponêsas. O espírito inventivo e os dons artísticos dessas camponêsas são uma das expressões mais perceptíveis do gênio romeno. Aspecto exterior, sem dúvida, dêsse gênio, mas tão revelador dos ocultos tesouros do coração e do espírito! ...

Herança das mais antigas, o traje popular romeno atual é idêntico ao dos antepassados Trácios de há 3000 anos. Naturalmente, hoje aparece mais enfeitado, mas, em seus traços essenciais, continua o mesmo: mesmas peças principais, mesmos bordados floridos e alegres, mesmos cintos de couro cheio de cravos de metal, mesmos sapatos especiais feitos de um só pedaço de pele de porco curtida, atados com tiras até os joelhos, e mil outros detalhes imutavelmente conservados.

Esse traje, prodigiosamente unitário em tôdas as regiões habitadas pelos Romenos, não varia senão em seus detalhes, na disposição dos desenhos, na escolha das cores, no comprimento e na largura das mangas ou das saías. Além disso, não há possibilidade de equívoco, tal o ar familiar específica e integralmente romeno, que dêle se despreende.

O traje masculino, menos enfeitado do que o da mulher, bastante todavia para satisfazer o seu gosto pelo belo, varia de acôrdo com cada região, mais espesso e mais apertado no corpo naquelas regiões expostas aos rigores do inverno; mais finos e mais frouxos nas regiões amenas. No entanto, quer seja de pano grosso,

de lã, de couro, de linho ou de cânhamo, sempre aparece enfeitado de alguns desenhos que conferem um alegre matiz à sobriedade do talhe.

É no traje feminino que a finura do trabalho, a variedade dos modelos e a escolha das cores alcançam o sumo de bom gosto e de refinamento. Uma grande parte dessas roupas, sobretudo as do inverno, pesadas e grossas, parecem com as masculinas. No entanto, a diferença estética é impressionante. A fantasia feminina aí intervem, transformando essas pesadas peças do vestuário em verdadeiros tapetes multicôres.

Também, pode-se dizer que seu traje de festa é uma festa.

A “**iia**”, a camisa, a blusa, a maioria das vezes tão fina quanto o “**sari**” das indianas, e infinitamente mais rica em enfeitos artísticos, é a peça principal do traje feminino. Inteiramente bordada à mão, com modelos e cores que variam infinitamente, essa blusa constitui uma obra-prima de bom gosto e de elegância.

O “**marama**”, espécie de véu, de uma finura transparente, vaporosa, que circunda a cabeça e cae sobre os ombros como um manto diáfano, é mais do que um adorno domingueiro. É o símbolo de um gosto refinado, pois a flexibilidade dêesses véus, os desenhos maravilhosos feitos na própria contextura do tecido, tiram-lhe a uniformidade estereotipada das toucas de outros países.

Infelizmente, não podemos estender-nos sobre todos os ângulos artísticos da indumentária e da arte popular romena. Seria preciso inúmeras conferências. Acrescentamos, no entanto, que entre os múltiplos setores da arte popular romena, o que abrange um campo mais vasto, mais impressionante devido às suas inigualáveis belezas, é o **setor dos bordados**. A camisa masculina, a blusa feminina, o lenço, a toalha, o cobertor, o guardanapo, as cortinas, tudo o que faz parte da vida e pode ter importância para a mulher romena, receberão a marca de seus dedos através de bordados. Com amor e convicção, com perseverança e carinho, a mulher trabalhará meses a fio para realizar essa tarefa estética, que constitui para ela motivo de satisfação à sua natureza artística e um verdadeiro orgulho em relação aos demais. Criar o modelo mais lindo, realizar a mais sutil combinação de cores, imaginar sem cessar novidades, eis aí esforços que ultrapassam a simples finalidade utilitária.

A necessidade do belo na vida do camponês romeno pode ser considerada “**primária**”, inata, incrustada em sua alma ao lado de sua generosidade e de sua bondade. Há uma verdadeira preocupação lírica nesse permanente emprêgo de elementos de beleza em tudo o que se refere à sua existência material. Fator fundamental

de sua vida, essa pesquisa apaixonada pelo belo, traduz um dos lados mais nobres e mais ricos em perspectivas da alma profunda do povo romeno.

Porque, o gênio peculiar a cada artista manifesta-se na obra de arte popular pela diversidade inacreditável dos modelos, das combinações de cores e matizes, das técnicas e das categorias de objetos. Apesar do toque especificamente romeno, apesar dêsse “**não sei o quê**” impalpável mas inegável, que revela o parentesco de tôdas essas obras, correntes artísticas por regiões, por zonas, por vales e até mesmo por aldeias, vêm enriquecer o tesouro maravilhoso da nação romena. A abundância do conjunto torna-se monumental.

Em certas regiões, como a Bessarábia, o Baixo-Danúbio e a planície valaca mais pobres e menos defendidas pela natureza contra as pressões e as influências desagregantes dos invasores, a obra de arte é sensivelmente menos bela, menos rica do que em outros lugares. O traje nacional, espelho constante do gosto e das possibilidades materiais do camponês, é mais sóbrio, mais simples. A casa menor, menos decorada. A própria cruz votiva — a **troitza** —, símbolo permanente de sua fé, ergue-se humilde e simples nas encruzilhadas das estradas ou junto aos poços solitários...

Enquanto que, em outras regiões, Bucovina, Oltênia, Banat, Moldávia, Transilvânia, nas regiões montanhosas, as manifestações de arte adquirem um valor inestimável, pela riqueza dos modelos e das formas, pela disposição adequada das cores, pelo emprêgo dos materiais mais nobres. Alcançam-se a diversidade e o perfeito. Tudo é mais brilhante, mais matizado. A monocromia do fino risco bordado numa rude camisa de cânhamo, transforma-se na policromia rica e radiante dos opulentos bordados, lançados como tapetes sobre as mangas e o peito das blusas de linho fino ou de seda. A casa é mais espaçosa, o interior mais rico e mais decorado, a cruz votiva um verdadeiro monumento artístico...

Assim, no plano visível e material, encontra-se na Romênia uma gama infinita de expressões artísticas, surgidas e desenvolvidas espontâneamente no seio do povo, seguindo concepções estéticas e processos de execução variáveis. As circunstâncias históricas, políticas ou econômicas são diretamente responsáveis por isso.

Porém, no plano metafísico, para o artista popular, rico ou pobre, oculto no vale edênico dos Carpatos ou submetido a tôdas as mortificações históricas em sua planície bessarabiana, o motivo central inspirador é sempre a natureza.

Ele ama a natureza com uma paixão quase pagã: para ele, ela é sempre a grande deusa a quem se deve respeitar. É ela que o

ajuda e pune; é ela que é linda, poderosa e ao mesmo tempo, humana.

Consciente dos laços vigorosos que os unem, o camponês romeno dela extrai toda a força e toda a inspiração profunda para as suas obras. Há uma forte simbiose entre eles, visivelmente manifestada no folclore, na canção e na poesia popular. Aliás, qual é o domínio onde não se encontra na Romênia essa inteligência transcendental?!...

A arte popular é mais do que uma humanização da natureza. É um diálogo sem fim entre o homem e ela, diálogo estético que nunca degenera em duelo. Não há qualquer dramatização da vida e do futuro. Não há nenhuma reticência, nenhuma restrição. A natureza oferece generosamente as suas belezas naturais; o homem tira dela o que corresponde à suas inclinações artísticas. Trata-se simplesmente de uma harmonização entre a magestade da natureza, imponente por todas as suas formas e todas as suas cores, e a concepção estética da vida que o povo romeno soube criar através dos séculos.

Eis portanto, esquematicamente exposto em linhas gerais, o essencial dessa arte popular que, apesar da corrosão implacável do tempo, persiste em todo o seu esplendor no espaço carpatodanubiano.

Ela sofreu, evidentemente, certas influências trazidas pela onda de todos os povos que abriram uma passagem através da Romênia e os que se estabeleceram nos Balcãs ou na planície panoniana. No entanto, essas influências não mudaram o essencial; elas não alteraram senão alguns detalhes superficiais.

Muito pelo contrário, a influência da arte romena sobre os povos que a circundam, de há muito foi a mais sensível, pois quando estes chegaram naquelas plagas, os Romenos já possuíam incontestáveis tradições artísticas. Ora, para que uma arte popular atinja ao mesmo tempo o brilho e a magnificência, a beleza e a perfeição, necessita de vida sedentária.

O fundo ancestral, específico da raça, manteve-se inalterável, com suas expressões plásticas inimitáveis, situação surpreendente para um povo que conheceu todas as invasões que ocorreram na Europa, povo cuja existência foi uma perpétua luta pela defesa de seu território e sua herança espiritual e artística. Aliás, é por isso que esse tesouro da arte popular transmitiu-se intacto. Instintivamente, esses pastores, esses lenhadores, esses pescadores, esses agricultores, sentiam que a sua individualidade e seu futuro dependiam estreitamente de sua unidade espiritual. Guardar puro o

traje nacional e tôdas as manifestações artísticas transmitidas de geração em geração, era preservar o **Grande Ser Coletivo da Nação**.

E conseguiram. Conseguiram, ainda, aumentando e aperfeiçoando em cada geração as criações antigas, já muito equilibradas, de seus antepassados os Trácios.

Na arte popular romena há medida, há fineza, há gosto.

Descobre-se um poderoso sentido da composição e do refinamento no detalhe. A riqueza dos modelos e a escolha expressiva das cores são inimitáveis. Conjunto maravilhoso no qual há proporções, ritmos e harmonias. Uma pura musicalidade das formas e das cores...

Raramente, pode-se encontrar no seio dos povos, um bloco tão compacto e vigoroso, onde as forças espirituais, os sentimentos nacionais e os pendores artísticos entrelaçam-se num objetivo tão unitário e insigne.

A arte popular, pelo fato de poder revelar as qualidades íntimas dos indivíduos, pode ser qualificada de **"espelho dos povos"**. Ela reflete melhor do que tôdas as confissões, o que há de poderoso, de puro, de nobre, de viável, na constituição profunda de cada nação. Garantir a existência e o desenvolvimento da arte popular, é vigiar e preservar o seu próprio futuro.

Assim, o povo romeno, com uma arte popular cujas qualidades se revelam excepcionais, pode — a despeito das circunstâncias atuais — olhar o futuro com confiança.



Trabalho composto e impresso por
I. Nery da Fonseca & Cia. Ltda.
Rua do Apolo, 78-82 — R e c i f e

S166/2020

